



## 5º Simposio de Ensino de Graduação

### O PROCESSO DE ESCOLHA E AUTOCONHECIMENTO RUMO A PROFISSÃO

#### Autor(es)

SIBERE LOURENÇO

#### Orientador(es)

Theresa Beatriz Figueiredo Santos

#### Evento

A importância desse trabalho justifica-se na necessidade de refletir sobre o processo de escolha profissional e suas implicações. Uma vez que, na atualidade é observado um aumento significativo da procura dos serviços de Orientação e Reorientação Vocacional.

Na sociedade globalizada, onde transformações se operacionalizam cada vez mais rápido, os indivíduos sentem-se pressionados, seja pela própria complexidade do mercado de trabalho, seja pelo avanço da tecnologia que indica novos rumos e caminhos a serem seguidos.

O processo de OV interessa a âmbitos distintos, como, por exemplo, à educação em todos os seus níveis. Pode-se dizer que a OV acompanha o processo educativo, cooperando com ele e não apenas suprimindo suas possíveis carências. Cumprindo uma função de extrema importância, quando leva o sujeito a refletir sobre si mesmo, analisando suas características, explorando sua personalidade e aprendendo a escolher e abordar situações conflituosas.

Bock (2001) faz uma sistematização para situar como a Orientação Profissional é entendida nos dias atuais, sendo: teorias não psicológicas, teorias psicológicas

1) Teorias não Psicológicas - consideram que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele, descrevem o processo de inserção das pessoas no trabalho, mas não lhes mostram qualquer papel ativo. A ocupação do indivíduo na sociedade é definida pelas contingências das leis do mercado (oferta e procura) ou pelo padrão cultural das famílias.

2) Teorias Psicológicas - são aquelas que analisam os determinantes internos de escolha dos indivíduos. Sob esta perspectiva, o indivíduo teria papel ativo ou parcial e as condições sócio-econômica-culturais teriam uma função secundária no processo. Justamente por pressuporem participação ativa do sujeito, é que estas teorias são alvo de análise dos estudiosos.

2. a) Teoria Traço-e-Fator: tendo Parsons como principal representante, é uma teoria essencialmente normativa, que parte do princípio de que os indivíduos diferem-se nas habilidades, interesses e traços de personalidade, e cada profissão requer pessoas com aptidões específicas, ou seja, "o homem certo no lugar certo", adequando os indivíduos às ocupações. Essa teoria dá início à área de OV, fundamentando aos testes vocacionais, que ainda fazem parte do imaginário social, quanto à escolha da profissão, acreditando-se que as aptidões, os interesses e os traços de personalidade são inatos. O interessado, portanto, não decide, mas aceita ou não o conselho do

orientador educacional.

2. b) Teorias Psicodinâmicas: busca-se a explicação de como os indivíduos constituem sua personalidade e acabam se aproximando das profissões. Reservam grande importância ao aspecto emocional na escolha profissional, isto é, o que impulsiona o indivíduo a comportar-se de uma certa maneira e, conseqüentemente, a escolher uma determinada profissão. Tratam-se de teorias que se fundamentam na psicanálise, considerando o desenvolvimento afetivo sexual, principalmente na primeira infância, para entender as aptidões, interesses e características de personalidade. Representam a superação de uma visão inatista de personalidade, considerando que é a partir da relação com o meio que o indivíduo constitui sua individualidade.

Segundo Ferretti (1997), Bordin, Nachman & Segall, relacionavam a escolha profissional a diversos "estágios de experiências infantis, inclusive às frustrações e aos conflitos". Há também, nas teorias psicodinâmicas, o grupo representado por Roe, que ressalta as primeiras experiências da criança na família (satisfação e frustração de necessidades básicas) como modeladoras do estilo que o indivíduo escolhe para satisfazer suas necessidades ao longo da vida, determinando seus objetivos e preferências vocacionais. Já o grupo de Holland, considera que as pessoas podem ser distribuídas em seis tipos diferentes: realista, intelectual, social, convencional, empreendedor e artístico, assumindo uma posição mais interacionista.

2. c) Teorias Desenvolvimentistas: surgem a partir da década de 50, como alternativa à abordagem do traço e fator. Trazem uma crítica à idéia de momento de escolha e defendem a concepção de desenvolvimento vocacional, considerando que o indivíduo possui um ciclo de vida e a questão profissional perpassa-o como um todo, ou seja, os indivíduos desenvolvem-se vocacionalmente e este processo dura por toda a sua vida.

De acordo com Ferretti (1997), a teoria de Ginzberg supõe que o indivíduo realiza escolhas durante o processo de desenvolvimento vocacional e a sua última escolha leva a uma compatibilização entre características pessoais e oportunidades ocupacionais; o orientador vocacional, portanto, não tem um papel definido. Para ele, a escolha vocacional é um processo em grande parte irreversível, se iniciando com o nascimento acompanhando o desenvolvimento da pessoa.

Já Super dividia o processo de desenvolvimento vocacional em cinco etapas: crescimento (infância), exploração (adolescência), estabelecimento (idade adulta), permanência (maturidade), declínio (velhice). Sendo que esse processo ocorreria devido a cinco tarefas que facilitariam o desenvolvimento de atitudes e comportamentos específicos: cristalização, especificação, implementação, estabilização e consolidação: da experiência profissional.

Tiedeman & O'Hara supõem que o indivíduo realiza escolhas através de um processo de diferenciação e integração da personalidade frente à necessidade de optar. Enquanto Pelletier, Buiold e Noiseaux, afirmam que ao indivíduo cabe cumprir as tarefas do desenvolvimento vocacional, de modo a tornar-se mais maduro.

2. d) Teorias Decisórias: importam pressupostos da Administração de Empresas e da Economia, visando à racionalidade das escolhas, portanto, a decisão deve ser fruto de análise minuciosa dos elementos que interferem no processo. A racionalidade proposta por tais teorias prevê uma etapa chamada de preditiva, ou seja, a identificação de possibilidades oferecidas e a análise de suas conseqüências. Prevê também uma segunda etapa, a avaliativa, que seria a fase de desejabilidade das conseqüências listadas na etapa anterior e, por último, a etapa decisória, onde se avaliam as decisões e finalmente chega-se a uma escolha. As teorias decisórias propõem, através de Gellat, um esquema de decisão seqüencial, em que uma série de decisões intermediárias resulta em uma decisão final.

Hilton considerava a dissonância cognitiva como a variável principal desse processo de decisão, admitindo que o esforço para reduzi-la precede e facilita a tomada de decisão. Enquanto Hershenson & Roth, postulavam que a escolha ocupacional seria determinada por duas tendências: a progressiva eliminação de alternativas e o reforçamento da análise das alternativas não excluídas.

2. e) Teoria Sócio-Econômica: Esta teoria considera que os fatores externos interagem com os determinantes interno, reunindo as contribuições da Economia, Sociologia e Psicologia. Blau, Parnes, Gustad, Jessor & Wilcock apontavam a importância dos processos de seleção, na explicação do porquê as pessoas têm diferentes ocupações, além dos processos de escolha. Assim, a estrutura social (padrões de atividades, interações pessoais e valores) influenciaria na escolha profissional, num sentido duplo: por um lado, no desenvolvimento da personalidade; por outro, definiria as condições sócio-econômicas em que a seleção ocorre.

2. f) Modelo teórico clínico de Rodolfo Bohoslavsky: este autor, define a Orientação Vocacional como um dos campos da ciência social, compreendendo uma série de dimensões, desde o aconselhamento para elaborar planos de estudo até a seleção de pessoas, quando o critério de seleção é a vocação. Assim, inclui tanto o pedagógico quanto o psicológico, em nível de diagnóstico, investigação, prevenção e solução nos problemas vocacionais. Ele apontava diferenças

entre dois tipos extremos de técnica de trabalho, os quais são chamados de “modalidade estatística” (Teoria Traço-e-Fator — uso de testes) e “modalidade clínica” (Teoria psicanalítica, Teoria Rogeriana e “Psicologia do Ego” — uso de entrevistas dirigidas). A modalidade estatística possui uma visão de homem como um ser biológico, que já está pronto e definido; trata-se de um modelo teórico mais positivista, com o uso de testes psicométricos, em que o psicólogo é quem decide pelo indivíduo. Enquanto, a modalidade clínica, possui uma visão mais dinâmica, em que ocorrem mudanças nos indivíduos, fornecendo uma visão de homem sócio-cultural, que está sempre em movimento; é um modelo mais contemporâneo, desenvolvimentista, em que o processo reflexivo é fundamental, com uma análise centrada no indivíduo. São pressupostos diferentes, que opõem-se entre si. Esta modalidade vincula-se às técnicas não diretivas de Rogers, e foi influenciada pelas contribuições psicanalíticas na Argentina, principalmente pela Escola Inglesa e pela Psicologia do Ego. Bohoslavsky afirmava que a modalidade clínica é a Orientação Vocacional, em que a escolha é da pessoa e não do psicólogo. Esse trabalho pressupõe em fornecer elementos para que o indivíduo pense, analise e avalie, para fazer a sua escolha. Assim, quem faz o diagnóstico nesse processo é o próprio indivíduo, pois a escolha é dele, e a postura também. Escolha essa que é multi e sobredeterminada através da família, escola, meios de comunicação etc. Na estratégia clínica, o cliente é levado a ver, pensar e atuar psicologicamente, ou seja, articular a relação entre reflexão-ação e teoria-prática. Bohoslavsky (1991) ressalta que o psicólogo envolvido no processo de Orientação Vocacional deve partir da realidade do cliente, da sua experiência de vida, respeitando seu sistema de valores e o seu estilo pessoal. O trabalho de Orientação Vocacional se caracteriza, assim, como um trabalho psicoprofilático, em que vai promover o desenvolvimento das potencialidades do sujeito, seu amadurecimento, para que ele possa se realizar profissionalmente. Segundo o autor, as principais variáveis que interferem na escolha profissional, são: a família, os amigos, a escola e o trabalho. Ressaltando que a pessoa não é somente “moldada” por essas variáveis, mas que, ao mesmo tempo, as molda por sua presença. O comportamento é expressão do contexto mais amplo, em função de uma relação dialética e não linear.

## 1. Introdução

A importância desse trabalho justifica-se na necessidade de refletir sobre o processo de escolha profissional e suas implicações. Uma vez que, na atualidade é observado um aumento significativo da procura dos serviços de Orientação e Reorientação Vocacional. Na sociedade globalizada, onde transformações se operacionalizam cada vez mais rápido, os indivíduos sentem-se pressionados, seja pela própria complexidade do mercado de trabalho, seja pelo avanço da tecnologia que indica novos rumos e caminhos a serem seguidos. O processo de OV interessa a âmbitos distintos, como, por exemplo, à educação em todos os seus níveis. Pode-se dizer que a OV acompanha o processo educativo, cooperando com ele e não apenas suprimindo suas possíveis carências. Cumprindo uma função de extrema importância, quando leva o sujeito a refletir sobre si mesmo, analisando suas características, explorando sua personalidade e aprendendo a escolher e abordar situações conflituosas. Bock (2001) faz uma sistematização para situar como a Orientação Profissional é entendida nos dias atuais, sendo: teorias não psicológicas, teorias psicológicas

1) Teorias não Psicológicas - consideram que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele, descrevem o processo de inserção das pessoas no trabalho, mas não lhes mostram qualquer papel ativo. A ocupação do indivíduo na sociedade é definida pelas contingências das leis do mercado (oferta e procura) ou pelo padrão cultural das famílias. 2) Teorias Psicológicas - são aquelas que analisam os determinantes internos de escolha dos indivíduos. Sob esta perspectiva, o indivíduo teria papel ativo ou parcial e as condições sócio-econômica-culturais teriam uma função secundária no processo. Justamente por pressuporem participação ativa do sujeito, é que estas teorias são alvo de análise dos estudiosos. 2. a) Teoria Traço-e-Fator: tendo Parsons como principal representante, é uma teoria essencialmente normativa, que parte do princípio de que os indivíduos diferem-se nas habilidades, interesses e traços de personalidade, e cada profissão requer pessoas com aptidões específicas, ou seja, “o homem certo no lugar certo”, adequando os indivíduos às ocupações.

Essa teoria dá início à área de OV, fundamentando aos testes vocacionais, que ainda fazem parte do imaginário social, quanto à escolha da profissão, acreditando-se que as aptidões, os interesses e os traços de personalidade são inatos. O interessado, portanto, não decide, mas aceita ou não o conselho do orientador educacional.

2. b) Teorias Psicodinâmicas: busca-se a explicação de como os indivíduos constituem sua personalidade e acabam se aproximando das profissões. Reservam grande importância ao aspecto emocional na escolha profissional, isto é, o que impulsiona o indivíduo a comportar-se de uma certa maneira e, conseqüentemente, a escolher uma determinada profissão.

Tratam-se de teorias que se fundamentam na psicanálise, considerando o desenvolvimento afetivo sexual, principalmente na primeira infância, para entender as aptidões, interesses e características de personalidade. Representam a superação de uma visão inatista de personalidade, considerando que é a partir da relação com o meio que o indivíduo constitui sua individualidade.

Segundo Ferretti (1997), Bordin, Nachman & Segall, relacionavam a escolha profissional a diversos “estágios de experiências infantis, inclusive às frustrações e aos conflitos”. Há também, nas teorias psicodinâmicas, o grupo representado por Roe, que ressalta as primeiras experiências da criança na família (satisfação e frustração de necessidades básicas) como modeladoras do estilo que o indivíduo escolhe para satisfazer suas necessidades ao longo da vida, determinando seus objetivos e preferências vocacionais. Já o grupo de Holland, considera que as pessoas podem ser distribuídas em seis tipos diferentes: realista, intelectual, social, convencional, empreendedor e artístico, assumindo uma posição mais interacionista.

2. c) Teorias Desenvolvimentistas: surgem a partir da década de 50, como alternativa à abordagem do traço e fator. Trazem uma crítica à idéia de momento de escolha e defendem a concepção de desenvolvimento vocacional, considerando que o indivíduo possui um ciclo de vida e a questão profissional perpassa-o como um todo, ou seja, os indivíduos desenvolvem-se vocacionalmente e este processo dura por toda a sua vida.

De acordo com Ferretti (1997), a teoria de Ginzberg supõe que o indivíduo realiza escolhas durante o processo de desenvolvimento vocacional e a sua última escolha leva a uma compatibilização entre características pessoais e oportunidades ocupacionais; o orientador vocacional, portanto, não tem um papel definido. Para ele, a escolha vocacional é um processo em grande parte irreversível, se iniciando com o nascimento acompanhando o desenvolvimento da pessoa.

Já Super dividia o processo de desenvolvimento vocacional em cinco etapas: crescimento (infância), exploração (adolescência), estabelecimento (idade adulta), permanência (maturidade), declínio (velhice). Sendo que esse processo ocorreria devido a cinco tarefas que facilitariam o desenvolvimento de atitudes e comportamentos específicos: cristalização, especificação, implementação, estabilização e consolidação: da experiência profissional.

Tiedeman & O'Hara supõem que o indivíduo realiza escolhas através de um processo de diferenciação e integração da personalidade frente à necessidade de optar. Enquanto Pelletier, Buiold e Noiseaux, afirmam que ao indivíduo cabe cumprir as tarefas do desenvolvimento vocacional, de modo a tornar-se mais maduro.

2. d) Teorias Decisionais: importam pressupostos da Administração de Empresas e da Economia, visando à racionalidade das escolhas, portanto, a decisão deve ser fruto de análise minuciosa dos elementos que interferem no processo. A racionalidade proposta por tais teorias prevê uma etapa chamada de preditiva, ou seja, a identificação de possibilidades oferecidas e a análise de suas conseqüências. Prevê também uma segunda etapa, a avaliativa, que seria a fase de desejabilidade das conseqüências listadas na etapa anterior e, por último, a etapa decisória, onde se avaliam as decisões e finalmente chega-se a uma escolha. As teorias decisionais propõem, através de Gellat, um esquema de decisão seqüencial, em que uma série de decisões intermediárias resulta em uma decisão final.

Hilton considerava a dissonância cognitiva como a variável principal desse processo de decisão, admitindo que o esforço para reduzi-la precede e facilita a tomada de decisão. Enquanto Hershenson & Roth, postulavam que a escolha ocupacional seria determinada por duas tendências: a progressiva eliminação de alternativas e o reforçamento da análise das alternativas não excluídas.

2. e) Teoria Sócio-Econômica: Esta teoria considera que os fatores externos interagem com os determinantes interno, reunindo as contribuições da Economia, Sociologia e Psicologia. Blau, Parnes, Gustad, Jessor & Wilcock apontavam a importância dos processos de seleção, na explicação do porquê as pessoas têm diferentes ocupações, além dos processos de escolha. Assim, a estrutura social (padrões de atividades, interações pessoais e valores) influenciaria na escolha profissional, num sentido duplo: por um lado, no desenvolvimento da personalidade; por outro, definiria as condições sócio-econômicas em que a seleção ocorre.

2. f) Modelo teórico clínico de Rodolfo Bohoslavsky: este autor, define a Orientação Vocacional como um dos campos da ciência social, compreendendo uma

série de dimensões, desde o aconselhamento para elaborar planos de estudo até a seleção de pessoas, quando o critério de seleção é a vocação. Assim, inclui tanto o pedagógico quanto o psicológico, em nível de diagnóstico, investigação, prevenção e solução nos problemas vocacionais. Ele apontava diferenças entre dois tipos extremos de técnica de trabalho, os quais são chamados de “modalidade estatística” (Teoria Traço-e-Fator — uso de testes) e “modalidade clínica” (Teoria psicanalítica, Teoria Rogeriana e “Psicologia do Ego” — uso de entrevistas dirigidas). A modalidade estatística possui uma visão de homem como um ser biológico, que já está pronto e definido; trata-se de um modelo teórico mais positivista, com o uso de testes psicométricos, em que o psicólogo é quem decide pelo indivíduo. Enquanto, a modalidade clínica, possui uma visão mais dinâmica, em que ocorrem mudanças nos indivíduos, fornecendo uma visão de homem sócio-cultural, que está sempre em movimento; é um modelo mais contemporâneo, desenvolvimentista, em que o processo reflexivo é fundamental, com uma análise centrada no indivíduo. São pressupostos diferentes, que opõem-se entre si. Esta modalidade vincula-se às técnicas não diretivas de Rogers, e foi influenciada pelas contribuições psicanalíticas na Argentina, principalmente pela Escola Inglesa e pela Psicologia do Ego. Bohoslavsky afirmava que a modalidade clínica é a Orientação Vocacional, em que a escolha é da pessoa e não do psicólogo. Esse trabalho pressupõe em fornecer elementos para que o indivíduo pense, analise e avalie, para fazer a sua escolha. Assim, quem faz o diagnóstico nesse processo é o próprio indivíduo, pois a escolha é dele, e a postura também. Escolha essa que é multi e sobredeterminada através da família, escola, meios de comunicação etc. Na estratégia clínica, o cliente é levado a ver, pensar e atuar psicologicamente, ou seja, articular a relação entre reflexão-ação e teoria-prática. Bohoslavsky (1991) ressalta que o psicólogo envolvido no processo de Orientação Vocacional deve partir da realidade do cliente, da sua experiência de vida, respeitando seu sistema de valores e o seu estilo pessoal. O trabalho de Orientação Vocacional se caracteriza, assim, como um trabalho psicoprofilático, em que vai promover o desenvolvimento das potencialidades do sujeito, seu amadurecimento, para que ele possa se realizar profissionalmente. Segundo o autor, as principais variáveis que interferem na escolha profissional, são: a família, os amigos, a escola e o trabalho. Ressaltando que a pessoa não é somente “moldada” por essas variáveis, mas que, ao mesmo tempo, as molda por sua presença. O comportamento é expressão do contexto mais amplo, em função de uma relação dialética e não linear.

## 2. Objetivos

---

O objetivo desse trabalho foi acompanhar o processo de escolha de duas jovens que haviam concluído o ensino médio. A partir do modelo teórico clínico de Rodolfo Bohoslavsky.

## 3. Desenvolvimento

---

A proposta deste estágio consistiu num total de dois atendimentos individuais, um por semestre. O modelo sócio-histórico parte do pressuposto de o indivíduo em constante transformação, transforma o mundo; assim como o mundo em constante transformação transforma o indivíduo. Esta metodologia permite que o profissional faça parte desse processo, mas não como agente, e sim como facilitador. O psicólogo colabora de forma não-diretiva com o cliente, no sentido de restituir-lhe uma identidade e/ou promover o estabelecimento de uma imagem não conflitiva de sua identidade profissional. Cabe ao cliente o papel ativo, sendo ele quem reflete e escolhe. Cada processo dividiu-se em etapas. A primeira etapa é reflexiva, com quatro instâncias de reflexão: a instituição familiar, o grupo de amigos, vida escolar, experiências profissionais. Já a segunda etapa é informativa, onde o cliente conhece as profissões, o mercado de trabalho, a viabilidade da sua escolha.

## 4. Resultados

---

Foi um trabalho muito enriquecedor, possibilitou trabalhar com pessoas de realidades e perfis distintos, estabelecendo com maior clareza, para ambas, o processo de Orientação Vocacional. Um vez que, inicialmente, as clientes apresentavam vários conflitos do âmbito da psicoterapia, deixando a Orientação

Vocacional em segundo plano. Apartir dos encontros, das etapas propostas, o processo de OV, foi se delineando mais claramente.

Embora os conflitos pessoais não fossem desconsiderados nesse trabalho, a necessidade de um acompanhamento psicológico fazia-se presente. Sendo por esta razão, apontada e proposta às clientes, que apresentaram interesse neste atendimento ao término do processo de OV.

Ambas mostraram-se igualmente satisfeitas com o trabalho desenvolvido e afirmaram que ocorreram mudanças que se estendiam para as demais áreas de suas vidas (família, grupo de amigos, escola, trabalho, etc). Entre as principais alterações apresentadas, podemos citar como ex.:

- a reflexão sobre as escolhas (das mais simples às mais complexas);
- maior percepção das pessoas e acontecimentos;
- reflexão sobre os objetivos de vida (presente, passado e futuro) sobre o TER, SER e FAZER;
- uma maior busca por autenticidade e congruência.

## 5. Considerações Finais

---

É importante considerar que se existe a possibilidade de escolha profissional, existe também a possibilidade de alguém facilitar a escolha do indivíduo. Toda escolha provoca necessariamente uma renúncia; ao escolher abandona-se uma outra opção e isto pode provocar algum sofrimento. O processo de OV deve ter em vista as mudanças ocorridas na sociedade e a realidade sociocultural e econômica. Pode ser desenvolvido tanto individualmente como em grupo. Devendo ser baseado na troca de experiências e na reflexão conjunta sobre o processo de escolha da profissão. A aplicação de técnicas, testes psicológicos ou outros recursos só tem sentido e real eficácia quando é verificado em um contexto amplo, onde cada orientando é único. É de suma importância criar condições para que os indivíduos tenham acesso à maior quantidade possível de informações a respeito das profissões: suas características, aplicações, cursos, requisitos, locais de trabalho, etc. Na esfera do autoconhecimento, também devem-se criar condições e estratégias para que os jovens identifiquem suas aptidões, interesses e características de personalidade. A escolha de uma profissão pode ser entendida como o modo que o sujeito escolhe para se inserir no mundo e, através do trabalho escolhido, modificá-lo.

## Referências Bibliográficas

---

BOCK, Silvio Duarte. Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na avaliação sócio-histórica. (tese de mestrado) Campinas, S.P.: s.n., 2001. BOHOSLAVSKY, Rodolfo. Orientação Vocacional: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1991. FERRETTI, Celso João: Uma Nova Proposta de Orientação Profissional. São Paulo: Cortez/Autores Associados: 1997